Camafeu de Mármore

Attilio dos Santos Oliveira

In Memoriam
04/11/1924 - 26/10/2011

2019
PORTO ALEGRE

editora ALCANCE®

© by Attilio dos Santos Oliveira
Direitos autorais reservados
Editoração eletrônica e Capa: Willian Castro
Arquivo digitado e corrigido pela organizadora, com revisão final da mesma, autorizando a impressão da obra
Contato: fatimadilamar@gmail.com
Editor: Rossyr Berny

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:
www.editoraalcance.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48c

Oliveira, Attilio dos Santos.

Camafeu de mármore / Attilio dos Santos Oliveira. – Porto Alegre : Alcance,
2019.
118 p.

1. Literatura brasileira. 2. Poesiasbrasileiras. I. Oliveira, Attilio dos Santos.II. Título.

CDD 869.917

Bibliotecária responsável: Daniela S. Christ CRB 10/2362

ISBN: 978-85-9537-046-3

ALCANCE®
34 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

(51) 98535 3970
Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540
(51) 98537 0000 (51) 99103.3566 (51) 98233 7038 (51) 99669 0908
rossyr@editoraalcance.com.br www.editoraalcance.com.br /EditAlcance

Algumas palavras

Quando trazemos ao público um livro de versos, temos sempre de dizer alguma coisa como se fosse necessário justificar o fato.

Infelizmente correm assim os dias atuais, nesta era prosaica deve o rio justificar-se por correr ao mar...

Compus alguns sonetos e poemas nas primaveras da minha eterna juventude...

– Quem não o fez?

Todas as idades têm as suas primaveras...

Senti que não podia mantê-los ocultos por mais tempo...

Tal atitude me pareceu uma covardia e um profundo egoísmo.

Creio que o soneto é a forma perfeita para a poesia moderna porque encerra em poucas linhas, uma ideia completa revestida de uma forma elegante, que requer para a sua elaboração uma técnica aprimorada e bastante difícil.

Certamente não escrevi estes versos para que alguém goste deles, porque ao artista só interessa o momento artístico, que é intraduzível.

A obra de arte é apenas um fato exterior que revela uma parte insignificante desse momento interior.

É possível que alguém goste destes versos, assim não devo justificar tê-los escrito, mas tê-los publicado...

Há pessoas, infelizmente, que se ofendem, quando suspeitam que a outrem, e não a eles, se pode atribuir algum valor...

A esses, posso apenas pedir que me desculpem!

O Autor

Apresentação da Organizadora

Um livro é uma luz que não se apaga nunca.

Poucas vezes, na vida, a gente se sente responsável por um compromisso tão importante quanto o de realizar o cumprimento de uma maravilhosa promessa: colocar um livro de poemas no mundo.

Foi a honrosa tarefa pedida por meu companheiro de muitos anos – sobretudo os últimos, **Attilio dos Santos Oliveira**, antes de sua viagem de volta para casa.

Possibilitar o nascimento de um livro com belos versos é espargir muita luz na penumbra dos dias conturbados.

Camafeu de mármore reúne os poemas de sua preferência, escritos ao longo de sua vida tão profícua. Nesta obra o poeta homenageia, e ao mesmo tempo agradece, sua longa convivência com os melhores amigos, familiares e esposa – homem amoroso que era.

Ele realizou uma homenagem à vida, enfim.

Deixa eternizado, para nós, o que de melhor ele foi e produziu. Pois um livro é um testemunho de vida: para sempre. E no melhor estilo dos grandes homens como foi Attilio – generoso intelectual que fez de seu caminho um rumo para todos que sempre fez questão de caminhar juntos.

Dilamar de Fátima

SONHANDO

Então fui mergulhado num sono profundo
E estranhas sensações se apossaram de mim
E comecei a pensar em coisas de outro mundo
Um mundo puro e belo em que o espaço é sem fim...

E assim fiquei por tanto tempo imerso
Que perdi a noção do tempo e das idades
E lembro deste sonho como um verso
Que lemos e guardamos com saudades...

Índice

Meu cantar 16
Vésperas 18
Medo e amor 20
Saudade 22
Nuvem dourada 23
Moreninha... 24
Desolação 26
Altiva 27
Esperando-a 28
Nostalgia 29
A rio-grandina 32
Ternura 33
Tu choraste... 34
Vida de poeta 35
Orando 36
Melancolia 37
Modernismo 38
Poema para a juventude 39
Soluções do impossível 40
Canção do marginal! 42
Natal! 44
Peregrino de outras vidas 46
Velha carreta 47
O tropeiro 48
Visões no fogo 49
No bolicho do olvido 52
Crianças 56
Balada ao som de Gnatali 58
Balada das horas antigas... 60
Homenagem ao melhor de ti 62
Carta aberta ao maestro “Ciro Pereira” 65

Maria-fumaça 68
Poema da rua velha 71
Lembro-me dos plátanos 73
Poema para o meu pai 75
Balada de outono 80
Canção de ninar 82
Poema inacabado 84
Venham para aqui! 86
Balada além da vida... 88
Cismando 92
Longe 93
Na aula 94
Ao luar no além 95
Devaneio 96
E as chuvas chegaram... 97
A fada 98
Ao menos um momento... 99
Noturno 100
Primavera 101
Inefável 102
Calmaria 103
Hei de voltar... 104
Aos pés da Santa Cruz... 105
Além! Muito além... 108
Depois da morte 109
Eu 110
Ordo ab chaos 111
O negrido 112
O elixir do amor 113
Realismo fantástico 114
A cruz e a rosa 115
Ela e eu 116

Camafeu de Mármore

Attilio dos Santos Oliveira

editora ALCANCE®

PRIMEIROS VERSOS

MEU CANTAR

Um doce trinado que escuto
É o canto de audaz sabiá
Bradando nas bandas de lá
Cantando, saudando a natura
Na terra vestida de luto...

Um lânguido nome que ecoa
É o nome de Deus soberano
É o grito de um pássaro insano
Bailando, dançando nos ares
Trazido no aroma que voa!

Um frouxido som que ressoa
Nas ondas revoltas do mar
Nas límpidas nuvens do ar
Correndo, pairando na altura
Nas asas do vento que atroa...

Sublime cantar que parece
A flor da saudade que nasce
Da bela oração mais fugace
Unindo casando os cantares
Deixemos que suba esta prece...

– Avezinha tão pequena
que com voz tão alta tu cantas
cantando em notas tão santas
escuta também meu cantar.

Rio Grande-RS, outubro de 1938

VÉSPERAS

Enquanto a bela tarde expira
Enquanto o pássaro suspira
Murmura a fonte um lamento
As ervas dançam ao vento

O sol morre tristemente
Por de trás do verde monte
A voz morre surdamente
Nas fumas do horizonte

Canta a natura, a grandeza
Passam as nuvens ao vento
Vê-se da tarde a beleza
Minh'alma suspira um tormento

E a Lua sobe tranquila
Do Sol, a força roubando
Como Sansão e Dalila
Dele, os cabelos cortando...

Eis o silencioso momento
Que chega augusto e sereno...
A hora languida do tempo
Que torna um instante ameno...

Expressa a poesia o que sente
A Terra que louva a Mãe pia!
Desce a noite e... calmamente
Cantam os anjos – Ave-Maria...!

Cassino-RS, fevereiro 1939

MEDO E AMOR

O relógio bate as horas
A casa está vazia
Eu me pergunto – Onde moras?
O gato corre e mia...

A noite já vai alta!
Custa a passar o tempo...
O gato mia e salta
Baixinho assobia o vento...

Tremo e gemo assim nervoso
De volúpia e desejo
Tenho medo do escabroso
Do gato a sorte eu invejo...

Penso, pensando te vejo
Nas gazes dos teus vestidos
à minha espera em desejo
lembrando prazeres idos...

Como é triste o meu sofrer
Não tens pena de mim?
Por que me fazes querer
A ti, de tal modo assim?

Mas eis que batem à porta!
Três pancadinhas singelas...
Que tenho? Que me conforta?
Quem chega em alta hora? – É ela...

Rio Grande-RS, 1944

SAUDADE

Entramos devagar na sala alumiada
Suspirava uma lira superfina
E, docemente uma voz peregrina
Vinha-me gemer na cabeça exitada...!

Depois, toda meiga e cheia de doçura
Fitando-me o rosto longo tempo
Disse-me à sorrir enquanto o vento
Uivava tristemente na planura...

– Vem! Vou mostrar-te o Templo
Onde mora aquela a quem chorais
Essa que vos lembra o nunca mais
E vive dentro d'alma ao velho tempo...

Essa deusa da lânguida maldade
Que atordoa os corações humanos
E os sufoca em desejos insanos...
Essa deusa cujo nome é saudade!

Rio Grande-RS, 1944

NUVEM DOURADA

(À minha querida esposa, Ionilda)

Um manto de anil desdobrado no céu
Na cálida tarde inundada de sol
O chão de damasco encoberto num véu
Qual tapete de luxo e fineza mongol...

E o céu que está claro, de azul se tingiu
E o vento nos trouxe dourada poeira
Que em nuvem se forma, de mim a fugir
No céu que resplende em tarde fagueira!

Nuvem dourada! Dourada quimera!
Desfeita em fumaça que vai-se rodando
Nuvem dourada! Dourada saudade!
Nos ares correndo, na vida matando...!

Nuvem dourada que foges risonha
No rubro horizonte da ilusão,
Nuvem dourada, que corres tristonha
Levando os meus sonhos que lá se vão...

Rio Grande-RS, 1944

MORENINHA...

Ó! Como és linda morena
E dona de uns olhos tais
Como gentil açucena...
Encantando a vida vais

E eu busco-te tão sozinho
Num caminhar sem fadigas
Como um pássaro sem ninho
Cantando canções antigas

Vejo-te triste e saudosa
A sonhar não sei com quê?
Como a musa lacrimosa
Que a gente busca e não vê...

Vejo-te pura, donzela...
Mas Ai...! falta-me a poesia
Já não canto amores. Ó! bela
Mas canto a minha agonia...

Ó! Que cabelo sedoso
E tão docemente caído
Que talhe mais majestoso
De passarinho perdido...!

Olhos tão negros brilhantes
Como dois lumes acesos!
Dois faróis de navegantes
Onde meus olhos vão presos...

Que boca bem recortada
E cheia de meigo mal...
Que desejo sinto, amada!
Ao ver-te tão sensual...

Rio Grande-RS, 1945

DESOLAÇÃO

Despe-se o sol, da dedi-rósea aurora
Tudo se cobre, tudo se agasalha...
Ouve-se no céu, o soluçar da flora
Tapa-se tudo em panos de mortalha

Ai! que a natura chora amofinada
Como gargalha a pobre endoidecida
Como suspira soluçando a fada!
Ai! Que tristeza rola por aí caída...

Árvores secas, folhas penduradas
Vagas lembranças de eras tumulares,
Gotas de orvalho límpido, agarradas
Nos galhos de figueiras seculares

Tudo perdeu-se nesta sombra fria
Nada se encontra na penumbra morta
Quedam-se as folhas já sem alegria
O galho morre e a soluçar entorta...

Ilusão! Densa Nuvem de fumaça.
Que se desfaz ao sopro do destino
Emudece noss'alma essa mordaça
Que nos sufoca em tolo desatino...

Rio Grande-RS, julho de 1944

ALTIVA

Na frigida tarde de inverno cinzento
Um farrapo de nuvem caído no azul
Esse chão de damasco desfeito em paúl
Como pano molhado ou andrajo nojento

Seu vulto assomando por trás da vereda
Encobrindo desejos, despertando ciúmes,
Rebrilhante de luz e espargindo perfumes
Divinal visão com reflexos de Ieda...!

Foi passando por mim sem olhar-me sequer
Por sendas estreitas ou nesga sombria
A chorar e a sofrer com melancolia
Essa diva nereida em corpo de mulher!

E a noite já me envolve com manto severo
E a Lua desponta banhando de prata
O meu pensamento de saudade inata
Proscrito me sinto e atormentado espero...

Rio Grande-RS, 1945

ESPERANDO-A

E tu não vens e a mágoa me devora
E durmo triste em meiga soledade
Pensando em ti nos braços da saudade
– Quem me dera surgisse a nova aurora!

E sinto o pranto em mágoa já desfeito
E o olhar se turva em meiga sonolência
E tu não vens... e eu sofro na inconsciência
Do silêncio do templo do meu peito

A vida é boa, mas o amor é mais ainda...
Mas há na vida tantos dissabores
Que embora o mundo seja só de flores
Às vezes, mas parece a dor infinda...

Borbulha-me nos olhos pranto enxuto
E há silêncio em mim que me estremece...
Minh'alma de amor, já se entumesce
E tu não vens... E espero e inquieto escuto...

Rio Grande-RS, 1946

NOSTALGIA

Eu sinto o peito opresso e sufocado
Nesta angústia de amar-te docemente
Tenho visões de céus... sonho dourado
O suster-te nos braços fortemente!

Ora mergulho no amor que me inebria...
Como a onda do mar gemendo à praia...
Sinto no peito febre intensa... esfria...
Como a onda do mar deixando a praia...

Qual ciclone que fere e que devassa...
Tudo é calma, passou tão de repente
Deixando a destruição por onde passa
Assim ficou-me a face bruscamente...!

– Olha, meu amor! Contempla o meu retrato!
Compara um com outro – o novo e o antigo...
E vê que já me falta o brilho inato...
Pois as rugas já mudaram teu amigo...!

Foi o tempo que passou em curto espaço
Forçado pela angústia da impaciência
De amar-te e ser, todavia tão escasso
Suprimir para sempre a tua ausência...!

Rio Grande-RS, 1950

POEMAS

A RIO-GRANDINA

Livre ninfa das praias sulinas
que se ergue das espumas
pra encantar o pescador...

Livre filha das areias,
Alta, morena e bela,
cujo porte ereto esbelto
se confunde cô'as sereias,
em contornos divinais
e deslumbra o trovador...

Cantá-la assim eu não posso
palavra que são palavras
e não me deixam mentir!

Rio Grande-RS, 1942

TERNURA

A noite era bela!
– Quão bela era a noite...

A Lua no céu, espalhava clarões!
E as estrelas, pérolas divinas
inundavam os ares de meiga amplidão...

Ela era formosa!
– Quão formosa era ela...

Só! Ali, ante mim, a fitar as estrelas...
e os seus olhos e as estrelas do céu
eram lumes acesos em rostos de amor...
O vento era brando...
– Quão brando era o vento...

Os meus lábios, sorrindo diziam baixinho,
palavras de amor... bem perto ao ouvido,
que ela cobria com a mão, de mansinho...

Rio Grande-RS, 1947

TU CHORASTE...

Óh! Tu choraste... os teus olhos...
verteram lágrimas preciosas...
– Estrelas cintilantes
Nas noites dos meus sonhos!
Acerba dor povoou-me o peito,
De fantasmas estranhos...

Doce melancolia...!
Um idílio infindo...
Um sonho intenso
Luminoso e lindo...

Apenas um instante...
E mergulhou-se minh'alma
Neste sonho triste...

Rio Grande-RS, 1948

VIDA DE POETA

Começou a correr por entre as flores,
Atrás da borboleta dos amores...!
E quanto mais ele corria... ela fugia...

Assim foram os dois por muito tempo...
Ele ansioso, esperançoso... ela ignorando...
e alcançando-a... ela se foi adiante...!

Ao ver-se só nessa ilusão desfeita...
– Sonho de ouro que se fez em pó!
O poeta sentou-se ao fim da estrada
e sacudindo o pó de sonho de sua alma,
foi filósofo e pensou:

– Amei e amo!
Deu de ombros e andou...

Rio Grande-RS, 1949

ORANDO

Meu Deus!
Em vão buscar-te!
Em vão amar-te!

Buscar-te onde...? em toda parte?
Saber-te pela ciência, ou na filosofia?
Buscar-te pela arte ou pela inteligência?
Melhor nela adorar-te...

– Tudo é vão e nada satisfaz!
Só Tu és verdadeiro! Meu Deus e meu Senhor!

Os homens, em suas orações,
não podem Te falar... nem Te ouvir...
Mas se houve alguém que orou um dia...
Esse fui eu... Aqui!

Rio Grande-RS, 1950

MELANCOLIA

Passo as noites frias de inverno
colhendo palavras...
consultando dicionários...
na solidão inconsequente
da rebeldia!

Nesse vazio silente
da inutilidade...
sem alegria...
nem tristeza...
– apenas melancolia...

Porto Alegre-RS, 1986

MODERNISMO

Ora, pois!
ficaram todos
empudorados
no modernismo
de tirânico melindre
e prosaica fantasia...
encarcerados

em finas lâminas
de ardósia!
sem mais beleza!
nem graça
ou melodia...

Porto Alegre-RS, 16/8/1987

POEMA PARA A JUVENTUDE

Meu Jovem aflito!
Se não tens o dom do artista,
do pintor, do poeta, ou do escultor,
sejas tu, além da ação na luta
pela vida,
um sonhador...
e em teu sonho lindo e cheio
de amor...
em cada dia
agradece ao Senhor!
e faz da tua vida
uma obra de arte...
e esplendor!

Porto Alegre-RS, 14/05/1993

SOLUÇÕES DO IMPOSSÍVEL

Quero sair de mim
e não posso...
Quero fugir
e não consigo...

Talvez se eu pudesse
olhar o mundo
com os olhos dos outros...
Sem essa perspectiva pessoal!

Sem me diluir por todos...
nem refletir a luz
dos olhos alheios...

Sem esse vazio
inconcebível...

Essa inutilidade
da expectativa
do amanhã...

Perdido no horizonte...
a observar um Sol
que não nasce...
uma luz que não vem!

Deixar de falar comigo mesmo
quando falo com os outros...

– Soluções do impossível...!
Triste niilismo
de uma era terminada...

Porto Alegre-RS, 14/06/1988

CANÇÃO DO MARGINAL!

– Eu sou o povo!
Venho de longe...
Venho de longe tão cansado e triste...
Eu sou a plebe! Eu sou um marginal!
Eu sou o coração da alma nacional!

A minha casa é um caixão de lixo!
e o meu telhado, um saco de aniagem...
Não tenho nada!
Mas tenho a liberdade, o amor e o sofrimento...
Alentos desta vida!

Ouço ao longe um grito de amargura...
É a mãe da minha gente;
é a minha pátria amada
chorando de desgosto à minha desventura...!

E sob o látego de ódios virulentos
ouço a voz do capataz
– Trabalha! Trabalha negro!
E ao compasso dos ritmos metálicos
sinto n'alma o coração industrial...
Minh'alma se revolta em convulsões de angústia...
Meu corpo se estremece em convulsões de amor...

E então eu vou cantando tristemente
sob a máscara de alegre Carnaval:

– *Chiquita bacana*
Lá da Martinica!
Se veste com uma casca
de banana nanica...!

Eu canto e rio pra afogar a mágoa
do sonho que morreu...

– Que importa a desdita da existência?
– Que importa que eu morra ou que padeça...?
os meus irmãos bebem meu sangue
que é o suor da produção...!

E este gigante que mora dentro d'alma
estremece e marcha no progresso
sobre o cadáver da plebe esfaimada...
E as taças de vinho espumejante
tirintilando nos palácios majestosos
são a música irônica de um hino
– Um novo Hino Nacional!

Rio Grande-RS, 1947

NATAL!

(Ao Padre Valerio Alberton)

Natal! Natal!
Hoje é Natal!

Sempre é Natal...
no humano coração...

Nasceu Jesus!

Cristo sempre nasce
como alegre canção!

Jesus nasceu!
Na cruz do mundo
morreu Jesus...

o Cristo cósmico
nasceu na Luz...
e a Rosa de Ouro
brilhou na Cruz Rosada!

Nasceu a criança esperada!

Natal! Natal!
Hoje é Natal!

Nasceu Jesus!
Floriu a Cruz...

Aleluia! Aleluia!

GALPONEIRAS

PEREGRINO DE OUTRAS VIDAS

Venho de outro mundo perambulando alhures
Sou fascinado pela natureza
deste planeta azul!
A grama verde e o céu azul distante...
O mar, o rio e o vento murmurante
A luz do sol e o pálido luar...
As flores perfumadas e o mel das colméias
O perfume das flores incensando o ar
As aves inquietas voejando a cantar
Os peixes silenciosos nadando no mar
E os animais ferozes na selva a rosnar...
Os raios e trovões e o vendaval indômito!
As árvores gigantes e as pedras das montanhas...
O fogo tenebroso dos vulcões a rolar!

O galpão aquecido e o churrasco amigo
O mate fraterno, a gaita a tocar
e a doce monotonia da chuva a cair
O homem sobre o potro a querê-lo domar!
O amor e o sentimento da mulher a sonhar
A terra a tremer e o mar a blasfemar
O Ente soterrado e preso a lastimar!
E alguém no oculto a vigiar...
– Tudo isto me leva a pensar
e a buscar-me no íntimo de minh'alma...!

VELHA CARRETA

(Ao meu caro mestre Prof. Dr. Aquino,
na Faculdade de Direito de Santo Ângelo-RS.)

Velha carreta da estrada
tirada por oito bois
vais te arrastando comigo
pelos caminhos do sonho...

E a doce melancolia
do triste sol que se esconde
é um farrapo de amargura
perdido na imensidão...!

E o teu soturno lamento
ecoa profundamente
nestes rincões do meu ser
como um eterno gemido
que tristemente se evola
pelas campinas do sul
lembrando à minh'alma triste
que o passado que resumes
vai contigo perecendo...

Santo Ângelo-RS,1975

O TROPEIRO

(Ao meu nobre amigo e colega Cel. Celso Soares,
assassinado covardemente por um canalha qualquer...)

Vem clareando a fria madrugada
Rubro color matiza o horizonte
Estrépito galope se ouve pela estrada
e um vulto aparece perdido na coxilha...

É a sombra fugaz de um "guasca" altaneiro
que busca solicito o calor da "Querência"
e ao som compassado das patas do "bagual"
medita, saudoso dos tempos antigos!

Os olhos fitando a imensidão distante...
A mente perdida em segredos futuros
e alma varonil atrelada a lembrança
com o porte marcial sobre o dorso do "pingo"

Parece a quem o vê um vulto do passado,
Herói companheiro de mil "entreveros"
– Sinuelo perdido no estouro da boiada!
atento e arisco aos toques da alvorada

Quem pudera sondar essa esfinge sulina?
E saber os mistérios que nela se abrigam...
Quem ousara julgar que esse vulto apagado
é um facho de luz alumiando a nação...!

Rio Grande-RS, 1953

VISÕES NO FOGO

Acampado à noite pela coxilha
tenho visões estranhas...
Há uma lua no céu! e há uma lua na terra...
Um clarão de luar ilumina e enregela!

Passa um frio no ar... e surge um boi-tá-tá...!
e eu contemplo a sorrir, no fogo, a chama acesa...

Tenho a cuia na mão e sorvo o chimarrão...
o vento que perpassa – o Minuano por certo,
atiça a brasa acesa e uma chama se levanta
e infunde tal calor, e tanta sombra cria
que as formas tomam forma de mórbido pavor!

Ao longe no silêncio, uiva um cão pela ramada...
e eu fico a contemplar as luzes do fogão...

Eis! Se ergue uma chama altiva e forte,
lutando com as sombras em ritmo de morte!
Tem, da treva a cor negra e profunda
e em derredor de si, uma auréola dourada,
que é por certo um resplendor do sol...

Coleante e imponente peleia com as sombras!

Dominada a princípio – quase extinta na brasa...
Ergue-se outra vez!
Estica uma língua de fogo vermelho
Sacode-se no ar e investe contra a noite...
É uma luta tremenda entre a luz e a treva!
E eu cismando... olhos fitos no fogo...

Pensamentos horríveis...
Mãos negras de escravos!
dedos fortes,
nodosos,
crispados...
escorrendo suor e implorando piedade...!

Outras chamas se erguem... iluminando a noite...
E eu contemplo a tremer, rubros cascos de fogo!
Patas de baguais em cavalgadas heroicas...
Há cabeças de gado a mugir pelos campos
e há sangue escorrendo por todos os rios!

Há lições de civismo de patriarcas famosos!
e há visões tenebrosas de combates farroupilhas
de entreveros e duelos por toda a coxilha
empapada do sangue de raça feroz!
Há tinidos no espaço de armas e aperos
e sonidos de clarins vitoriosos!

– Remotas lembranças de um tempo que passou...

Eis! que as sombras mais fortes pesadas e negras,
abafam as chamas e apagam o fogo...

Em minh'alma se estampa a silhueta do pago!

– Com a lembrança de outrora e o vigor do civismo
meu olhar desperta o braseiro de novo...!

E em meu peito palpita a querência da china
enrolada no ponche, dormitando ao meu lado...

Rio Grande-RS, 15/11/1955

NO BOLICHO DO OLVIDO

Sou do outro lado da Terra!
Do meu Rio Grande querido
onde o mar salgado e brusco
se derrama pela praia
no longínquo lusco-fusco
da tarde que a noite encerra...

Esse mar do navegante,
que murmurante desmaia,
pra renascer novamente
na marola espumejante
que preguiçosa se espraia
pelas dunas do Cassino

Sou daquela terra famosa
Berço de heróis legenda rios,
de areias esvoaçantes,
de planícies verdejantes;
que silenciosa se estende
até a encosta da serra...

Não lutei em crua guerra
nem me bati pelo nada...
mas rolei por esta terra

na defesa do direito
dessa gente e da peonada
no entrevero da leitura

Nunca montei um potro
nas lides fortes do campo
mas herdei com puro sangue
a rebeldia tenaz
da gente guapa do mato
que tudo constrói e faz!

Não nasci para guaipeca
nem pra criado mudo
Como guasca malacara
não me ajustei ao rito
do rodeio da tropilha
como vaca de presépio...

E se andei pela coxilha
amealhando amores
recolhendo agrestes flores
pra ofertar as chinocas,
nunca olvidei a gloria
da tradição farroupilha!

E no bolicho do olvido
recordo os dias gloriosos
de cívicas jornadas
quando na terra domada
derrubei oligarquias
com voz altissonante!

E hoje saudoso de tudo
recolhendo na amargura
o sonho de liberdade,
sinto um impulso vazio
no grito da geração
que ninguém quer ouvir...!

Rio Grande-RS, julho de 1986

OUTROS POEMAS

CRIANÇAS

Upa! Upa! Upa!
– Quem pisar no risco é!
– É o quê?
– Qualquer coisa que não é...

Mamãe! eu tenho frio!
Papai! eu tenho fome!
– Papai não tem dinheiro pra comprar pão...

Papai me dá um gatinho?
Me dá um chocolate, papai!
Olha o cãozinho...
– Sai de perto desse bicho que ele pode te morder!

São brancas, são pretas, amarelinhas...
tem olhos azuis, castanhos, ou amendoados...
São limpas ou sujas...
sempre correndo, correndo e pulando
saltando a valer!

– Crianças de todo o mundo...!
– Onde estão as crianças?

– Papai eu tenho fome!
– Papai não tem dinheiro pra comprar pão!

B, A, BA...
– Que criança doente...!
– Não brinca com essa criança!

– Olha o auto, meu filho!

Ciranda! cirandinha, vamos todos cirandar...!
– Extra! Extra! Antecâmara da IIIª Guerra Mundial!

Mamãe! Eu tenho frio...
Nana, filhinha que o bicho vem aí...!
– Que barulho é esse, Mamãe...?

Ai...! Ai...! Nenê tem dodói...!
– Papai, eu tenho fome...!
Acorda, mamãe! Mamãe! Mamãe!
– Onde estará o papai...?

– A Liberdade e a Democracia...!
– A paz mundial...!
– A Economia internacional...!
– O Direito Constitucional...!

Enquanto os homens discutem ideias
as crianças estão morrendo...

Ai...! Ai...! Nenê tem dodói...!
Quero meu pai!
Acorda! mamãe...!
Mamãe! Mamãe...!

– A criança é amor...!
– Amor é vida!
e as crianças estão morrendo...

Porto Alegre-RS, 1965

BALADA AO SOM DE GNATALI

É como se eu estivesse
olhando um álbum
de velhos retratos de família
ao som de Radamés Gnatali...

Estranha nostalgia
me faz recordar...
Meiguices de infância!
Brejeirices de cândidas donzelas
na minha juventude...

Quantas evocações!
Que doces recordações...
Pobres lirismos,
perdidos nestes tempos
tão prosaicos!
Murmúrios de oceano...
Sussurros de folhagens
iridescentes...

Cantigas antigas...
Sorrisos displicentes...
Fulgores de prataria!
Véus esvoaçantes

de virgens em meus braços,
na lânguida voragem
de todos os bailados...
Beijos sensuais e apaixonados...!

É como se eu estivesse
olhando um álbum
de velhos retratos de família
ao som de Radamés Gnatali...

BALADA DAS HORAS ANTIGAS...

I
Na névoa fosca e fria
das noites intermináveis,
sem lua e sem estrelas
num céu invisível... sem horizonte,
adivinho ruas úmidas e vazias...
e ouço passos apressados
no ritmo de todos os relógios
confidentes de horas antigas...

II
No silêncio da noite estupefata
as vozes estridentes de pequenos jornaleiros
cadenciadas na surdez de pés descalços
apregoam com ironia
o nome dos jornais do dia...
É a hora das lâmpadas acesas
e dos pobres cansados do trabalho
depois das horas sem horário...

III
É o momento de todos os sossegos
no soluço de todos os tormentos...
pelos trilhos de aço companheiros
velho bonde se arrasta barulhento...
E os sinos das torres batizadas
anunciam merencórias madrugadas...
e há rumor de lentos carroções
rodando ao longe nas réstias d'alvorada...

IV
Ao tossir dos pobres operários
convocados pelo estrépito das fábricas,
sai o carro das manhãs enfarruscadas
conduzindo à "Pasárgada" querida...

V
Mas, não há mais lá, nem Rei,
nem amigos de oprimidos...

HOMENAGEM AO MELHOR DE TI

(À minha cara poetisa e amiga, IDA KATZAP)

Óh! minha doce e corajosa poetisa...!
senta aqui, ao meu lado e conversemos...
Falemos, da vida, do amor e da poesia...
talvez da morte...
e da imensa mágoa
de se viver sozinho...

Nesta noite...
a noite não existe!
Tudo é luz!
É sonho e fantasia...

Mas, hei de morrer um dia...
Não sei quando...
e hão de chorar por mim,
os passarinhos...
As flores jogarão por terra
as suas pétalas...
E o vento levará meu nome
num sussurro...

O rio, murmurará
teu pranto...
triste e cansado de viver tão só...!
O sol iluminará teu rosto...
e a Lua sobre a minha campa
deixará um sudário de luz...

De mim, ninguém se lembrará jamais...
Conhecerei o mundo
diluído em universo...
e sentirei a vida
palpitando em toda a parte...

Qual uma sombra
esgazeada pelos montes,
hei de vagar perdidamente
nas sílabas de um verso...
e este diálogo que já é monólogo
vai repetir-te uma lembrança ausente...

E tantas vezes te direi saudoso
dos velhos sonhos não sonhados juntos
que hás de entender estrelas
de brilhante luz...
e as brancas pombas
que se vão além...

E assim, vestida de elegante nada
bailarás em nuvens
com teus pesinhos nus
e as cordas tênues de tua lira augusta
hão de vibrar silentes
a doce voz deste cantochão...
e guardarás contigo na melancolia
esta memória triste
do melhor de mim...

Porto Alegre, 25/01/1986
(À propósito do poema "O melhor de mim", no livro "Nua, vivendo emoções", da graciosa poetisa e amiga Ida Katzap).

CARTA ABERTA AO MAESTRO "CIRO PEREIRA"

Na minha lembrança
que já vai tão longe
quero ouvir o teu piano
a tanto tempo mudo...
e ver ainda, as tuas mãos
saltitando sobre as teclas
como loucas bailarinas...
e em escalas cristalinas
ver fluir a melodia...

Quero ouvir em preto e branco,
qual um ato de magia
teus arranjos magistrais
lá do Clube do Comércio
nas tardes de sabatina!

Há quanto tempo não ouço mais
os teus poemas musicais...
de fulgida harmonia,
nos trechos ritmados
de álacres "pupurris"
que me trazem à memória
o teu vulto entre sombras

diáfano e discreto,
de pianista
e maestro singular...

E se perguntas então,
com tua ingênua probidade
se é verdade
que está bem!
e se te aprovo
em minha crítica
incapaz...
Eu te respondo
com meu gesto
estático de espanto...
e o meu aplauso
inútil...
é apenas um ruído
dissonante
que eu não quero
ouvir...

Maestro e amigo!
Há tanto tempo ausente
e entretanto – presente...
em minha mente
com teu gênio audaz!

Em cascatas de som
e em rebrilhar de luz
tua música produz
até hoje,
caro Ciro,
um encanto
que admiro!

Porto Alegre-RS, 18/07/1986

MARIA-FUMAÇA

(Aos operários e velhos ferroviários gaúchos)

Como era linda a paisagem...
toda verde enflorescida,
marchetada do vermelho
da terra ensaibrada...

Sob um céu azul e um sol dourado
o trem passava...
todo negro...
se arrastando sobre os trilhos de ferro...
e bufando como um velho gordo e cansado
na subida da ladeira...!

– Feijão-feijão! Feijão-feijão!
Feijão-feijão! Feijão-feijão...

Soltando baforadas de fumaça branca
que ficava pendurada nos galhos do arvoredo,
como farrapos de gaze e flocos de algodão...

– Feijão-feijão! Feijão-feijão!
Feijão e milho! Feijão e milho...
Feijão e milho! Feijão e milho!
Batata e feijão! Batata e feijão!
Batata e batata! Batata e batata!
Batata e batata! Batata e batata!
Batata e batata! Batata e batata!

Vai passando na paisagem
Velho trem forasteiro
rodando no desfiladeiro
onde tudo é solidão...

Feijão-feijão! Feijão-feijão!
Feijão e milho! Feijão e milho!
Batata e feijão! Batata e feijão!
Batata e feijão! Batata e feijão!
Batata e batata! Batata e batata!
Batata e batata! Batata e batata!
Uva!
E cabeças de gado! e cabeças de gado!
E cabeças de gado e cabeças de gado!
E cabeças de gado e cabeças de gado...

Vai penetrando no túnel!
onde tudo é escuridão...
e saindo para o sol!
onde tudo é claridade...

E campos e campos! e campos e campos...!
Pensamento passageiro...
olhando pela janela
vertiginosamente...

E campos... e campos...

Feijão-feijão! Feijão e milho!
Batata e feijão! Batata e batata...
Uva...! Uva...!

Batata e carvão! Batata e carvão!
Batata e carvão... batata e carvão!
Bem-bom! Bem-bom!
Bem-Bom! Bem-Bom!
Solitária estação! Solitária estação...

Feijão-feijão... Feijão-feijão!
e campos e campos e campos e campos...
e cabaças de gado e cabeças de gado...
e Batata e batata e batata e batata
e Batata e carvão e batata e carvão...!
e batata e carvão...!

– Vai embora! melancólica poesia...
deixa em paz esse pobre coração...!

Porto Alegre-RS, março de 1986

POEMA DA RUA VELHA

(Ao caro amigo e laureado poeta
Zeferino Paula de Freitas Fagundes)

Rua velha! Rua velha!
Rua velha abandonada
toda suja em sem calçada...
Rua velha! rua triste...
sem esgoto e sem mais nada...

Gente feia emagrecida...
suja, triste, esfaimada...
nessa rua torturada,
nessa rua esquecida...
tanta gente sem piedade!

Ergo os olhos para o céu
azul distante...
Quero fugir dessa rua
indiferente
onde a gente
é joguete da ambição
e inocente
é levada de roldão
pelas forças cruéis
da esperteza...

Rua velha
Rua velha deste mundo
tão imundo...
rolando no infinito
de onde Deus
por tanto enfado
se afastou
e adormeceu...

Alço asas à voar
em noite clara...
– Desolado vagabundo
no sidéreo!
Quero andar
descalço
pelas nuvens...
– Sonâmbulo peregrino
das estrelas!
Sem vontade de voltar
para as ruas
da pobreza...

Óh! Tristeza...
– Que fazer a minorar
tão duro fado...?

Porto Alegre-RS, 25 de setembro de 1987

LEMBRO-ME DOS PLÁTANOS

E assim passavam as tardes
As velhas tardes da minha infância triste...
Tardes de inverno... de sol morno e pálido!
Tardes com cheiro de café novo
e fatias de pão com açúcar e ovo...

Tardes infantis de casarão vazio...
Vazio...! e eu só!
completamente só...
correndo pela casa com alegria tola
de criança mimada...

Tardes em que o vento uivava baixinho,
nos fios elétricos das ruas...
Tardes de árvores secas e esguias...
e cheiro de fogareiro "primus"
e cores de arco-íris...

Lembro-me dos Plátanos
Pobres Plátanos... solitários
nas ruas úmidas e frias...

Tardes de sonho
olhando com tristeza, na vidraça
os passarinhos piando na folhagem:

– Bem-te-vi! Bem-te-vi...!
Pobres avezinhas, no frio e na chuva fininha,
transidas de fome e susto...

Lembro-me dos Plátanos...
Pobres Plátanos!

Sou como as aves que voam
pelo mundo
buscando, buscando...
e penso e lembro e sonho...

Sou como os Plátanos!
– Onde estão os entes queridos
que acalentaram a minha infância triste?
Onde estão...?

Não vejo mais os Plátanos!
Eles foram derrubados...!

Porto Alegre-RS, 1976

POEMA PARA O MEU PAI

Pai!
O teu nome evoca
em minha lembrança
teu vulto excêntrico
e original
de burguês bonachão
e jovial...
Seguravas minha mão
e me levavas a passear
pela cidade
na beira do velho cais
a ver navios...
e os balaios de frutas
verduras e camarões
que os ilhéus traziam
aos trambolhões...
Mastaréus de barcos ancorados
e velas coloridas
balouçando sobre as ondas
à sombra histórica
das torres do passado...

– Maresia...

E o bonde?
e a praça...?
cheia de graça,
riscada de sol
pálido...
como as areias
esvoaçantes
das aldeias...

O calor da tua mão...!
e o compasso cadenciado
da bengala de bambu
com taco de metal
batendo nas pedras da calçada
com tinido sem igual!
e os teus olhos...?
sempre fixos
mais além, no horizonte
contra o sol...
como a buscar uma resposta
para tudo...
e mudo a dizer:
– Eu não sei o que fazer!

E a tua roupa surrada...
sempre a mesma...
e o teu gesto aparentemente
indiferente
com a gente...

Cigarro de palha entre os lábios,
relógio de ouro na algibeira,
com medalha de Napoleão...
e chapéu desabado na cabeça

Velho pai!
Foram poucos os momentos
que em silêncio me guiaste,
pela mão, durante a vida
mas te digo mesmo assim:
– Muito obrigado!
porque nunca me bateste
e assim mesmo me ensinaste
que somos todos muito iguais...
e se a vida nos distingue
por ventura,
a dor nos nivela por inteiro...
e que a morte, por derradeiro,
nos despoja das vaidades acessórias
e de todos os metais...
e em tormentos
num instante
nos ensina muito mais...
a nós todos tornando solidários
nesta escadaria
sem degraus...

POEMAS PARA A NIDA

BALADA DE OUTONO

(À minha querida esposa Ionilda).

Ouço o vento sussurrando na planície...
Caem as folhas das árvores antigas...
Ruge o mar em tenebroso augúrio,
e o teu vulto me acompanha docemente
como a estrela iniciática do espírito...
Vacile o passo e sucumba o pensamento
a tua visão me sustém a cada instante
com teu suave e doce amor...
Na sagrada relíquia do meu peito
tua imagem vagueia silenciosa...

Nessa angústia que sinto dentro d'alma,
nessa ânsia de ter-te junto à mim...
qual aurora fulgurante de desejos,
eu me abismo em trevas exteriores
quando estou longe de ti...
Esqueçamos soluçando as duras penas...
Dá-me, pois a tua mão e caminhemos
de mãos dadas, longamente!
Essa eterna e atribulada caminhada,
pelas eras mais remotas do infinito...

Ionilda! Anjo tutelar da minha vida!

Tens a doce melancolia das tardes hibernais
e na angústia silenciosa do teu gesto.
a tristeza incompreendida das agrestes penedias...
A beleza suave do teu rosto,
a meiguice brejeira dos teus olhos
são as chamas que aquecem a minh'alma
e me enlevam num sonho de rapaz...

Ionilda!
O teu nome ecoa
dentro em mim
nas cavernas primitivas
do meu Ser...!

Montenegro-RS, 19/01/1969

CANÇÃO DE NINAR

Ouço ao longe
uma canção dolente...
vem embalar
meu coração
doente...
De tão longe
na amplidão
distante...
vem trazendo
uma fagulha
de amor...

Desce a noite fria
e já me envolve em
nostalgia...
e nenhum calor...!

– Onde estará?
onde estará
o meu amor...
Partiu da vida
num raio de luz,
a minha querida...

Óh! saudade
nessa triste
soledade...
Ó! que saudade
do meu amor...!

Olho a noite
estrelada...
e o céu longínquo,
na imensidão...
Estou sozinho...
Amargurado...
Onde estará?
onde estará...
minha paixão...!

Porto Alegre-RS, 29/07/1997

POEMA INACABADO

(À minha inesquecível esposa)

Não me deixes como herma solitária
numa praça abandonado, onde as aves
chilreando aos pares, trocam juras
de amorosa simpatia...

Leva-me contigo, pela mão para a ravina
onde eu possa, livremente respirar...
Aquecer-me ao sol do teu amor,
e em teu seio são e morno,
qual criança pequenina
finalmente descansar...

Clamo...! E o eco não repete mais
o teu nome na distância...
Espreito...! só o silêncio do túmulo responde...

– Onde estás, meu amor, que não escuto
a cavatina do teu riso alegre e ingênuo
à minh'alma encantar...?
Não vejo mais a luz do teu olhar...
nem a alegria brejeira dos teus olhos
à minha vida iluminar...

Em algum lugar do universo estarás...!
Mas eu não sei onde estás...
e nem mesmo o que és...

Sou uma alma perdida na corrente da vida...
e busco adivinhar-te ansiosamente em cada gesto...
ou na aparência dos seres que vejo neste mundo!
e não consigo encontrar-te!
nem deixar de te amar...
Sei apenas que o meu coração
está cheio de ternura por ti
e na minha paisagem interior
não há mais luar nem estrelas a brilhar...

É noite agora...
Será noite sempre!
Não há mais aurora...
Nem fulgor do Sol!
Nunca mais...

Não me deixes como herma solitária
numa praça abandonado, onde as aves
chilreando aos pares, trocam juras
de amorosa simpatia...

Porto Alegre-RS, 25/10/1981

VENHAM PARA AQUI!

(À minha falecida esposa)

Venham para aqui!
Todas as aves...
O cisne majestoso
e o colibri...!

Venham para aqui!
as plumas coloridas
e as flores perfumadas
as abelhas benfazejas
e as borboletas azuis!

Venham para aqui!
as brisas dos dias peregrinos
e os peixinhos irrequietos
dos rios dançarinos...

Venham para aqui!
na ciranda inocente
doces almas encantadas
a cantar as madrugadas
e a sorrir para ti...

Venham para aqui!
as cores do arco-íris
pra matizarem o que fiz!
encantar o teu sonho
e te fazer feliz...!

Porto Alegre-RS, 12/07/1986

BALADA ALÉM DA VIDA...

Nida!
Tenho medo...
em outra vida
eu não possa te encontrar...
ou que estando junto a ti,
eu não saiba quem és tu
e me engane
em outro olhar...

Ou que ainda
estando juntos
não possamos
recordar...
– Que de mundos
tão estranhos
andaremos
a trilhar...?

Faze, Deus
que te reencontre
noutras eras pela história
das estrelas à brilhar...

E contigo
nos lembremos
desse idílio interminável
e possamos namorar...

A tão grande amor sublime
tão profundo e belo sonho...
o que agora continuamos
nós possamos continuar...

Porto Alegre-RS,13/07/1986

SONETOS

CISMANDO

Enquanto o Sol desponta lá no azul
espalha vida aqui no céu do sul
Enquanto a aragem leva a folha solta
eu penso e vejo tudo azul a volta...

Depois, o Sol descamba lá no azul
e a sombra invade a Terra aqui no sul
E nessa brisa que ao soprar me solta,
uivos de dor em meu pensar à volta

Ergo os olhos e tudo se enfumaça...
Cismo! e espero enquanto a vida passa
Sem vida olhando para a vida em fora...

Onde mora a luz e onde a treva mora?
E julgo ouvir a voz de Deus em tudo
Falando a todos num silêncio mudo...

Rio Grande-RS, 30/07/1951

LONGE

Morre o sol lá no horizonte rubro
Rubro horizonte, frenético tristonho
Tristonho inquiro, céus, terra, mar, tudo
Pra ver se um louro raio descubro

Corre celeremente o mês de outubro
Outubro quente, na primavera de sonho,
Sonho triste, que me enleva e deixa mudo
Mudo vulcão ameaçador e rubro...

Nada há que socorra minh'alma
Alma triste, que tristemente olhando
Olhando o mar, que palpitando

Vai do universo prateando a palma
Palma da mão de Deus, abençoando...
Abençoando a todos que estão orando!

NA AULA

O inverno tamborila na janela
Bisbilhotando nossa vida bela
O vento geme tristemente... enjoa!
A chuva escorre molemente... à toa!

Na aula estamos aprendendo tudo
Estou sentado, agoniado e mudo
O Mestre ensina pura economia
A turma atenta enregelada e fria...

Entra na sala um louro raio de sol
e passa o tempo na monotonia
Roda a cabeça como um girassol...

A sala triste retumbante... esfria...
Mas nessa pausa rubra de arrebol
Fica mais triste e um pouco menos fria...

Rio Grande-RS, 1941

AO LUAR NO ALÉM

(À minha querida e saudosa mãe)

Ah! como é triste esta Lua – a divindade,
Debruçada na campa da saudade!
Ah! como é triste essa tristeza escura
Gota d'orvalho sensitiva e pura...

Claridade morta! Pura mortandade!
Negra tristeza! Chorosa claridade,
Cheia de dor e de saudade dura...
Vago chorar da real'dade pura...

Tudo cantando esse funéreo canto
Tudo chorando em triste desencanto
E a morte fria te ceifando a vida...

Vida preciosa toda resumida
Nessa existência tua apetecida
que a morte crua nos roubou da vida...

Rio Grande-RS, 04/11/1943

DEVANEIO

Tudo era lindo e docemente vago
O fraco verde da campina agreste
Esse perfume que já vem do leste
e o sol vermelho dominando o lago...

Que lembrança há por aqui? indago...
Já vejo ali na sombra do cipreste.
e na ramagem que te esconde e veste
Teu vulto branco – aparição de Mago!

Qual sublime visão, doce alvorada
A sombra meiga que de ti me fala
– Divo clarão de alegre madrugada!

Negra silhueta num fundo de sala
Envolta em sons de alegre passarada
Sublime amor que me entristece e cala...!

E AS CHUVAS CHEGARAM...

E as chuvas chegaram batendo nas vidraças
E o vento chegou uivando na esquina
São os arautos da neve peregrina
Que chegam trazendo um nevoeiro de fumaças!

E os sonhos chegaram voejando como garças...
E a virgem chegou por detrás da cortina!
Entoando canções corri a voz argentina
E bebendo o licor de todas as taças...

E esta canção que o vento traz cantando
Uivos do vento triste enlouquecidos!
Estes soluços que a alma traz chorando...

São gritos de dor, de nós desprendidos
Sonetos! Pobres versos divagando...
Confidentes de nós em tempos idos...

Rio Grande-RS, 1944

A FADA

Ela era loura e extremamente bela
E o seu vestido de uma cor azul
Nuvem gasosa deste céu do sul
Era a poesia que se enrolava nela...

Chegou-se a mim a Fada suspirosa
Voltou-se assim com seu olhar divino
E a voz falou naquela voz de hino...
Fitou-me alegre, sorriu e disse: – Goza!

Tudo cantando ao lado seu – dançando!
A mão formosa ao róseo busto unira
E o fogo do amor em chamas, crepitando

Os olhos fecham tão gentil-suspira
E entreabrindo o lábio fica esperando
O nosso beijo que emudece a lira...

Rio Grande-RS, 1944

AO MENOS UM MOMENTO...

Ao vê-la naquela noite fiquei deslumbrado
Surpreendi no seu porte de mulher sensual
Diáfana beleza sutil e angelical
Que em lânguida emoção deixou-me apaixonado!

Sufocando minh'alma em flocos de ansiedade
Fez brilhar-me nos olhos lampejos de espelho
E ascendeu-me no peno este fogo vermelho
Que conservo na pira da minha saudade...

Beijando-lhe os lábios – pétala singela
Eu tive-a nos braços apenas um momento...
Sacudia-lhe os cabelos levemente o vento...

E partiu temerosa a tímida gazela...
Sorrindo e amando a segui com melancolia
Em sombrios caminhos da madrugada fria...

Rio Grande-RS, 1945

NOTURNO

Havia nos ares uma grande saudade
Na sombra do arbusto sentíamos calor
O sol sempre rubro nos fazia maldade
E tristes dormíamos em sonhos de amor...

Perfumes tão fortes – chorava uma flor...
As aves descendo trinavam canções...
Da Musa escapavam suspiros de dor
Bailando na mente com ternas visões...

Do sonho acordei, mas fiquei deslumbrado
Recoberto da luz que fulgia bem perto...
Os olhos fechados nem sei bem ao certo

Nem vi pobre Musa sentada ao meu lado
Só lembro o fulgor dos olhos dela tão lindos
Escondendo tão meigos prazeres infindos...

Rio Grande-RS, 1945

PRIMAVERA

Rasgam-se os véus da natureza forte
E a Terra toda ensolarada em rubro
Desmaia de amores nessa luz do norte
Como a cantar uma canção de outubro...

Ventos que sopram sacudindo os ares!
Folhas caem como andorinhas soltas
Aves que voam tão somente aos pares

Como a cigarra que no vento vem
É o nome puro deste amor demais
Como a violeta que se esconde bem

É esta saudade que me vem de ti
És tu querida que não vejo mais
É o nome augusto que em minh'alma ouvi...

Rio Grande-RS, 1945

INEFÁVEL

Sua voz é um hino, um violino a tocar
O cabelo, um véu cor de noite estrelada
E o olhar, um luar cor de prata a chorar
Com dois sois a boiar na lágrima sagrada!

O nariz revestido de graças divinas
E os lábios vermelhos – corais a sangrar!
Encobrindo colares de pérolas finas
Provocavam desejos de a joia esmagar...

O seio moreno com reflexos de cobre
Era um sonho de amor, desejando ciúmes!
Tão doce, tão meiga, tão bela, tão nobre...

Parecia irradiar estranhíssimo lume...
E a lira incapaz, por tão rude e tão pobre
Quedou-se em discreto e silente queixume...

Rio Grande-RS, 1946

CALMARIA

Nuvens douradas que estão pardacentas
Na tarde que espira em ânsias de morte
E andam correndo do sul para o norte
– Aves migrantes de plumas cinzentas!

Nos raios solares que têm cor de sangue
Filtrado através de nuvens velozes
Julgamos chibatas de frios algozes
Cortando a amplidão do céu quase exangue

E o mar verde puro em calma sublime
Parece uma prece entoada no incenso
Em místico gesto que as almas redime

E vibrando de fé nesse calmo poder
Eu senti genuflexo o amor imenso
Tomar conta de mim e guiar meu Ser!

Rio Grande-RS, 1947

HEI DE VOLTAR...

(Ao ilustre e inesquecível poeta Mario Quintana)

Hei de voltar à minha terra um dia
quando a bruma tiver se dissipado
e as árvores bailando ao descampado
erguerem para o céu, a sombra esguia...

Quando bramindo o mar em tarde fria
Num sussurro noturno e murmurado
em suspiros de luz – Enamorado...
adormecer com terna maresia!

Hei de voltar à minha terra amada
num solene momento de agonia
quando aos toques do ocaso a "pardalada"

com os sinos chorar de nostalgia
Trazendo sobre o peito a mão cruzada
– Emblema de esperança e de poesia!

Parto Alegre-RS, 1963

AOS PÉS DA SANTA CRUZ...

Eu queimei aquela carta perfumada
em época distante e senhoril!
Doce carta de amor primaveril,
que escreveu a tua mão tão delicada...

Aos pés da Santa Cruz... Apaixonada
canção de um menestrel do meu Brasil...
Idílio de ternura juvenil...
Lembrança de paixão brutalizada!

Um momento interior de solidão...
Eis que surge o teu vulto... Vizinhança
de fantasma – pueril desilusão!

Neste mundo de agonia e de lembrança,
uma nesga de luz no coração!
Sonhos de jovem... saudades de criança...

Porto Alegre-RS, 18/10/1963

SONETOS MÍSTICOS

ALÉM! MUITO ALÉM...

(Ao caro amigo, e ilustre Mestre
Dr. Moacir Costa de Araujo Lima).

O Espaço infinito, a margem do universo;
o ponto inextenso aos limites do Espaço,
que o universo circunda em único abraço,
é a mente de Deus onde está tudo imerso!

Cria forma de tudo e não cabe num verso!
Matéria sutil que pulsando no Espaço
vai fluindo no Tempo em secreto compasso
e medindo o Espaço que abraça o universo

Compondo a sinfonia harmônica dos mundos
(Dizia-me a sorrir um espírito imprudente)
– Colóquio febril dos arcanos profundos!

Na pauta fugaz da Força e da Beleza...
Noturna melodia em música silente!
– É Deus que está imerso em toda a Natureza!

Porto Alegre-RS, 1963

DEPOIS DA MORTE

No delírio de gênio que dura um instante
Num êxtase augusto de arte e de ciência
o homem sufoca já sem paciência
exausto a tombar como bêbado errante!

E tomba! cansado da luta incessante...
Enfim satisfaz-se a sua exigência!
E ansioso, vibrando em toda a consciência
descobre a razão da vida inconstante!

Ao Pai elevai uma hosana bendita
De amor acendei-Lhe um humílimo círio
E na profunda paz onde nada se agita

Assim genuflexo em tão calmo delírio
Sentindo vibrar a corrente infinita
Adorai esse Deus em doce mistério...!

Porto Alegre-RS

EU

Tenho o silêncio das pedras tumulares...
Fixa rigidez do reino mineral!
A mudez crepuscular das cores e ares
e a insensatez da alma virginal...

É com a força telúrica dos mares
Lá do centro pirosférico abissal
que nesse enlace egocêntrico dos pares
Sei-me eclodindo na fibra vegetal!

Cósmica matéria que se torna viva
e quê em frenesi de amor se reproduz...
Sente-se, também com vida sensitiva

O que finalmente, a pensar me conduz
mas em contraste ao que fui, se torna altiva
para em caudais de sonho se tornar luz!

Porto Alegre-RS, 1967

ORDO AB CHAOS

Amor e Harmonia, Verdade e Justiça
São quatro pilares do pluriversal
A matéria fermenta em eterna liça
na Cósmica Força sobrenatural...

O Espírito nasce da eterna fusão
na quinta região do abismo infernal
e a mente divaga em celeste ilusão
no infinito horizonte universal

A Alma é gerada na liquefação!
Em penumbra silente de luz mortiça...
com telúrica força em sólida união!

E surge a Beleza em Rosa divinal!
No mistério sublime da Santa Missa
O Sagrado Segredo Sacerdotal...

Porto Alegre-RS, 2000

O NEGRIDO

O Ideal do teu Ser te convida ao labor!
mas a preguiça do ego se opõe ao Dever
A ignorância da Mente te afasta da F1or...
e o covarde Terror te acorrenta o Ser...

E quando a tortura te impõe a Dor
Tu estarás sucumbindo sem saber
que a vida te envolve com bondade e amor...
e só a Mentira te não deixa entender...

Confiante na Fé da Vitória final
Segue pois com Esperança e Coragem
e encontrarás em teu Ser a Luz Virtual

Que na treva ilumina toda voragem
E no Espelho reflete o teu sonho real
coroado de Glória em justa homenagem

O Elixir do Amor

As asas de bronze, abrindo, o Pelicano
Ao vítreo seio recolhe os pequeninos
que alimenta com sangue de arcano
em travessa mentira de meninos...

A Salamandra quente em fogo brando
guarda no ventre o Mestre aprisionado
Fermenta a ciência o vinho eternizado
em licor nos sete potes derramando

Enfim, vencendo o ouro a negritude
o Elixir finalmente terminado
No trabalho da eterna juventude

O estudante zeloso e aplicado
verá o pó na tampa do ataúde
com sorriso irônico e aliviado...

Porto Alegre-RS, 1997

REALISMO FANTÁSTICO

Qual a Torre pelo raio fulminada.
condenados serão os orgulhosos!
E o Arcanjo da Trombeta em clarinada
exaltará humildes e amorosos...

Árida pedra em sangue transmutada
Caem do céu, o Sol e a Lua luminosos
Voa a pomba após o corvo, alucinada
no céu desfeito em ventos tormentosos...

Com irônico sorriso jovial
o zeloso estudante aplicado
seu trabalho na Obra Universal,

do Elixir finalmente terminado
brindará com taça de cristal
as bodas do casal enamorado...

A CRUZ E A ROSA

A força do Nível no oriente da Terra
é corrente de Fé que a todos alcança
E do céu outra força em Prumo descerra
Cortina que oculta o mel da Esperança!

A beleza da flor é uma joia que encerra
o segredo sublime da Santa Aliança
Onde a espada celeste o trono desterra
e a coroa do rei se conquista na lança!

E no ponto vernal onde as forças se cruzam
A Rosa que nasce no crisol do luzeiro
é a beleza do anel que os valentes não usam...

Mas o fogo que vem do Celeste Cruzeiro
é o dom da Caridade que todos procuram...
– Virtude imortal de Sant'Elmo Cavaleiro!

Enfim despertei e senti-me infeliz
A chuva cinzenta qual véu de fumaça
e o vento do sul soprando com força
Parecia trazer-me um soluço – Desgraça!

Olhei ao redor... a Musa já não estava!
Tristonho senti-me por este abandono
Mas vejo ao meu lado uma pena e um livro
o livro que leste escrevi no meu sono!

Porto Alegre-RS, 2009

ELA E EU

Caminhávamos então alegremente
Num enlevo tão meigo de alvorada
como um casal de jovens namorados
Entre rosas desmaiadas tristemente
num chorar de violenta madrugada

Entre colunas de árvores frondosas
e num solo de raízes pisoteadas...
As abóbodas verde rutilantes
cintilavam em luzes colorosas
e fulgores de estrelas oscilantes

Tu me seguias pela estrada luminosa
toda alva como a luz das madrugadas
num tapete de flores desmaiadas
e pisavas nos reflexos luminosos
entre as sombras tétricas do nada...

Entre aplausos e vaias de tumulto
te jogaram muita lama denegrida
que não manchou o teu vestido branco
e não desfez o teu sorriso franco
nem desvaneceu essa visão querida

Encantada em eterna juventude,
ela virgem, em longa caminhada,
na região da triste hipocrisia,
era minh'alma que vinha de jornada
jogando beijos de melancolia...

Porto Alegre-RS, 2009

ALCANCE®
34 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

(51) 98535 3970
Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540
(51) 98537 0000 (51) 99103.3566 (51) 98233 7038 (51) 99669 0908
rossyr@editoraalcance.com.br www.editoraalcance.com.br /EditAlcance